

ESTADO MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E
EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

O MENOR ABANDONADO
DO PONTO DE VISTA DE LEILA RENTROIA IANNONE

PONTES E LACERDA – MT, FEVEREIRO DE 2003

BIB - IO - CA	
UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT	
Rev	9497
Data	14, 08, 03

EDNA FANTE DA SILVA

O MENOR ABANDONADO
DO PONTO DE VISTA DE LEILA RENTROIA IANNONE

82.09
5586-m
Ex 1
C92569577

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus de Pontes e Lacerda como
requisito final para a obtenção do Grau
de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Ediliane Gonçalves

PONTES E LACERDA – MT, FEVEREIRO DE 2003



Menor abandonado

Mãe dê a mão,
eu preciso de você
Seu coração... sei que
pode entender e o calçado...
é meu lar, meu precipício. Mesmo sendo
um sacrifício. Faça alguma coisa pra me socorrer
eu não quero ser... manchete em jornal, íbope na TV
Se eu ficar por aqui, o que eu vou conseguir. Mais tarde
será o mal pra você. Não ser escravo do vício, ofício
do mal. Nem ser um profissional na arte de
furtar. Quero estudar, me formar. Ter
um lar pra viver. E apagar...
essa má impressão
que em mim
você vê.

(Zeca Pagodinho – Mauro Diniz / Pedrinho da Flor)

Agradeço à Deus
por ter me dado a
inteligência para realizar
este trabalho. Agradeço também à
professora Ediliane Gonçalves, pelo seu esforço e
dedicação em tornar esta monografia um trabalho respeitável e
digno de sua orientação. Uma pessoa carinhosa e atenciosa e que
merece todo o meu respeito e admiração. Também aos meus familiares, ao meu
marido, Roberto, pelo incentivo e apoio que vem me dando nos últimos 06 anos de
nossas vidas, e principalmente ao fruto mais importante de minha vida, meu filho Igor.

Dedico
esta monografia
a todas as crianças de rua
que não tem o direito de ter uma família digna,
de freqüentar uma escola, que não podem sequer escrever
seu próprio nome, pois ainda não tiveram a oportunidade de aprender,
porque precisam de suas pequenas mãos para ajudar na manutenção da
família, tirando assim de uma forma cruel o que há de mais bonito na infância:
“O direito de brincar e sonhar com um futuro digno de criatura tão inocente.”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
AUTORA E OBRA	09
GOSTO TANTO DE VOCÊ... ..	11
REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL E A ESTRUTURA ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL QUE A CERCA.....	13
OS EXCLUÍDOS DA PRAÇA DA SÉ	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
BIBLIOGRAFIA	34
ANEXO	36

APRESENTAÇÃO

Neste trabalho científico de graduação escolhemos fazer uma análise na área de Literatura Infantil e Juvenil, justamente por termos lido no 2º grau uma obra deste nível. Chamou-nos muito a atenção, pois é um “fato” que ocorre no dia – a – dia desse país. A que se ressaltar ainda, que a linha divisória de uma literatura/adulta e infantil não é claramente traçada e qualquer publico encontra-se na obra.

Com várias leituras feitas no Curso de Letras pudemos despertar mais ainda o interesse de fazer uma análise nesta área. Assim falaremos no decorrer deste trabalho sobre a obra da autora Leila Rentroia Iannone *Eu gosto tanto de você...* que mostra-nos a gravidade que os menores abandonados enfrentam no seu cotidiano, e ao mesmo tempo denuncia os problemas sociais e políticos vividos pelos seus personagens. É a ficção apresentando uma leitura dos fatos. A obra conta a história de um padre que se mobiliza com a situação do menor abandonado, e deixa sua catedral para viver uma noite de Natal com estas crianças, que sofrem com o descaso da sociedade, passando por graves dificuldades, como: frio, fome, prostituição, violência, etc. Mesmo assim, ele não desiste de sua luta em conscientizar as pessoas, deixando a sociedade que passa por ali a refletir sobre o problema do menor abandonado.

Desta forma, a autora nos dá abertura para refletirmos sobre as condições de vida em meio as “normas” da desigualdade social. O rompimento destas normas e dos padrões impostos em um contexto social, na vida do ser humano nem sempre tem uma resolução imediata ou plausível.

O objetivo deste trabalho é colocar em evidência a forma como a autora lida com estes “problemas” sociais dentro da obra, denunciando em uma linguagem simples, direta e metafórica, dando voz à sociedade. O padre Thomas e os menores abandonados da Praça da Sé representam o cotidiano sofrido do povo, os momentos difíceis da situação política e principalmente econômica.

*Não agüento o cheiro mofado deles e os piolhos que proliferam,
e sei que é o odor de uma sociedade desumanizada, de um país*

que brinca de carnaval o ano todo, onde a irresponsabilidade e a omissão estão matando por dentro e por fora milhares de crianças que mudaram de nome e hoje são menores.
(IANNONE, 1988:27)

Esperamos que este trabalho permita a reflexão sobre o menor abandonado, pois na atualidade são encarados como empobrecidos, abandonados, marginalizados, e até mesmo como infratores, e, na verdade eles necessitam é que lhes sejam “devolvidos” seus direitos. Estes necessitam de posturas efetivas por parte da sociedade, antes que se tornem marginais e infratores, assim como a sociedade os vê. Estas crianças precisam suprir suas necessidades básicas, como comida, escola, casa, salário para os pais e respeito, para serem reconhecidos como seres humanos que são. São os adultos que precisam lutar para cumprir as leis do menor abandonado, impedindo que lhes seja tirado o fundamental, evitando que morram de fome, pela discriminação e pelo descaso.

Diante do nosso objetivo e do objeto em questão, cabe-nos agora, respaldar-nos teoricamente na literatura infantil e alguns dados sobre a estrutura política e social. A partir deste momento passamos a construir nosso quadro teórico, que servirá, principalmente para aprofundar o conhecimento sobre a literatura infantil brasileira e visualizar como a autora trabalha a questão acima proposta, vendo o “indivíduo”, enquanto um sujeito social, político e histórico.

Desta forma a problemática do menor merece uma reflexão profunda sobre diversos conceitos humanísticos que servem de base a aspirações do homem na construção de um mundo melhor em questão a casa, comida, escolaridade, saúde, trabalho, respeito, entre outros. É dever do estado o cumprimento da Declaração dos Direitos da Criança, que exige uma nova ordem social e é dever também do cidadão.

AUTORA E OBRA

*Perdoa a corrupção e a ganância dos homens
e põe neles um pouco de amor (...). Amém.*

(IANNONE, 1988:27)

De acordo com Nelly Novaes Coelho no *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*, Leila Rentroia Iannone nasceu em 1946, em São Paulo, no bairro do Bráz. Descende de portugueses e espanhóis. Dos primeiros herdou a perseverança e a seriedade, dos espanhóis guarda o gosto pela música e o fervor dos argumentos. Tem 04 filhos adultos, uma neta e um filhinho temporão que são suas grandes alegrias. Sua vida é povoada de amigos fiéis e presentes. Lê muito, especialmente Neruda, Drummond, Gabriel G. Marques e Graciliano Ramos. Acredita na força do trabalho e tem fé inabalável. Acha as crianças a melhor coisa do mundo e os jovens u consolo para a humanidade.

Leila Rentroia Iannone é pedagoga, pesquisadora e escritora paulista, formou-se em Letras / Português pela Faculdade de Filosofia Sedes Sapientiae (PUC/SP) em 1971. E em 1978 em Pedagogia, com habilitação em administração Escolar, Orientação Educacional e Supervisão Pedagógica pelas Faculdade Agregadas do Ipiranga.

Dedicou-se na análise dos problemas educacionais existentes em nível de pré-escola e 1º grau, participou de congressos no Brasil e no exterior, tais como:



Fonte: IANNONE, 1988:47

1974: *Congresso Montessoriano Internacional* (Los Angeles), Visita ao centro de treinamento de professores do Teachers College da Columbia University (New York).

1979: Visita a *The Calkown School*, escola aberta (New York).

1979 e 1985: Breves estágios em universidades e instituições de docência e pesquisa nas áreas pedagógico-educacionais, comunicação e de reabilitação (Rochester e Washington, EUA, Toronto, Canadá, Londres, Madri, etc); visando principalmente obter subsídios para a reestruturação de currículos escolares, novos métodos de aprendizagem infantil, treinamento com novos materiais pedagógicos, etc.

Dedicava-se também aos trabalhos comunitários, desde os anos 60, atuou em experiências de alfabetização em favelas da capital paulista, reeducação de crianças egressas da FEBEM, no “Lar da Criança Menino Jesus” onde foi diretora entre 1975 e 1981, dirigiu na Associação Maria Helem Drescel entre 1977 e 1987, trabalho de orientação para o treino profissionalizante e encaminhamento clínico de crianças abandonadas e lesadas, era membro da Pastoral Ecumênica do Menor, que visava o atendimento e a promoção da criança marginalizada (1980 – 1987), etc.

Desde muito jovem, Leila se sentia atraída pelo exercício da literatura, só em 1982, estreou seu primeiro livro, revelando-se dona de um estilo seguro e expressivo, que resulta de um depurado poder de síntese.

Suas obras publicadas foram:

1982: *Rio tem Coração?*

1984 : *Flagrantes;*

1986 : *Com a Ponta dos Dedos e os Olhos do Coração;*

1987 : *O fazedor de Castelos e o Pintor desconhecido;*

1988 : *Eu gosto tanto de você...;*

1989 : *Tem amor além do tempo.*

Todas estas obras narram histórias, assim como suas experiências, obras que falam de sensibilidades, necessidades dos seres, experiências vividas, desigualdade social, submissão, domínio de poder, pobreza, família, sonhos, lutas, decepções, e ao final ela deixa em aberto com uma interrogação, com o objetivo de estimular a criatividade e individualidade de cada leitor e em função de seu repertório ou valores aceitos.

GOSTO TANTO DE VOCÊ...

A obra *Eu gosto tanto de você...*, de Leila Rentroia, relata a história de um padre chamado Thomas, que sai de sua cidade e vem para São Paulo para realizar uma missão, a de conscientizar a sociedade e até mesmo os menores abandonados da Praça da Sé, de que a problemática do menor tem solução, nesta praça encontramos vários menores, onde cada um tem uma história diferente.

Em sua missão, o padre decidiu deixar a catedral e passar apenas uma noite de natal com essas crianças, mas no decorrer da história, os dias se tornam infinitos e ele acaba se igualando a estes menores. (...) *Só queria estar na praça e ligar-se com a criançada, com o mundo marginal da rua, com aquela gente sem eira nem beira que ele amava ...* (IANNONE, 1988:08).

Um dos menores em destaque na obra é Madá, uma menina novinha, agressiva, que já tinha passagens pelo CENTRO DE TRIAGEM DA FEBEM, e que fugiu de casa porque era maltratada pelos irmãos e sofrera abuso sexual pelo pai.

No entanto, o padre não se preocupava apenas com ela, tinha apressado por todos, e os incentivava a mudar de vida. *A gente deve se preocupar com todo mundo. A gente é irmão. (...) Existe um outro lado da vida onde existe amor. (...) eu acredito no amor. Estou aqui por isso. (...) Aprendi a amar porque fui amado.* (IANNONE, 1988:14).

O padre tratava estes menores, como frágeis, sensíveis, inconsciente, excluídos, vivia com eles como se fosse o último dia de suas vidas. Esses menores, apesar da luta difícil do dia-a-dia pela sobrevivência viviam sonhando, sonhos que talvez não pudessem tornar realidade, mas que o padre fazia questão de acompanhar bem de perto.

Na noite de natal aconteceu uma tragédia com Madá, dali por diante a celebração do nascimento do menino Jesus não seria mais a mesma. E o padre em suas reflexões, diz:

(...) vou fundo na luta, acreditando que vale a pena. Acredito que minha opção é definitiva, sem mais porquês, apesar de não conseguir salvar os meninos da praça, apesar de não conseguir diminuir o número de mortes de tantas crianças, apesar dos poucos sucessos, apesar ... (...) Senhor, perdoa-me por ser tão fraco, perdoa-me por não saber fazer mais. Perdoa a corrupção e a ganância dos homens e põe neles um pouco de amor por estes

pequenos brasileiros enxotados de sua própria dignidade. (IANNONE, 1988:26,27).

Guardada em sua mente ainda persiste o olhar estrábico de Madá, segundos antes de morrer em seus braços, atingida por tiros disparados por Gibi. A voz sussurra num último desejo: *Padre, gosto tanto de você...* (IANNONE:1988:45).

REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA INFANTIL E A ESTRUTURA ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL QUE A CERCA

(...) a luta,
a dura luta de ser alguém,
um peixe grande em mar estranhamente grande.
(ZIRALDO)

A literatura infantil começa a delinear-se no século XVII, onde foram registradas algumas obras destinadas às crianças. É claro a sua ligação com a história, por isso é necessário que se faça breves comentários que conceituem a Literatura Infantil no Brasil e a história social que a envolveu nos mais fortes anos de brasilidade. Em seguida, de acordo com os teóricos que serão mencionados afunilaremos esta idéia para atingirmos a obra que pretendemos apresentar.

No Brasil, porém, a literatura infantil teve relevância com Monteiro Lobato, temos depois com uma nova roupagem literária, destaca-se a criação de personagens importantes, os quais mostram a inquietude da sociedade diante da situação social, política, econômica e educacional, sempre com o objetivo de abafar a ignorância e os valores obsoletos.

Com o regime militar, a política econômica favoreceu a exportação de café, aumentando o índice de mão-de-obra escrava. Nesse sistema as indústrias nacionais não pouparam esforços no sentido de patrocinar uma política fornecedora das várias classes sociais, consumidoras virtuais de sua produção. Deste modo, a comercialização do café aumentou o número de bancos, casas exportadoras, funcionários públicos, estendeu as redes ferroviárias, etc.

Decorrente dessa aceleração urbana, que se deu entre o fim do século XIX e começo do XX, é o aparecimento da literatura infantil, que gerou grandes consumidores de produtos industrializados, para os quais se destinam os diversos tipos de publicações feitas, como os livros para crianças.

A literatura infantil sempre faz-se presente na vida das crianças. Desde pequena as crianças têm contato oral com cantigas e versos que as encantam. Isso é fundamental no estímulo que impulsiona a criança para a leitura e prepara para o contato com os

livros infantis. Segundo Abramovich, *O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente através da voz da mão, do pai ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas.* (ABRAMOVICH, 1997:16). Entendemos que a literatura tem desempenhado papel fundamental, pois retrata a sociedade e sua complexidade. Ela possibilita ao leitor ter uma visão de mundo ampla. É a partir da leitura que a criança vai adquirir um repertório de informação que dão possibilidades

de várias escritas e visão plural, de acontecimentos singulares, impulsionando seu crescimento na sociedade e desta maneira ajudando-a em sua batalha futura entre ideal de vida e sistema social. Assim Candido afirma que:

(...) além do conhecimento latente que provem das emoções e da visão de mundo, há na literatura níveis de conhecimento intencional, isto é, planejado pelo autor e conscientemente assimilados pelo receptor. Estes níveis são os que chamam imediatamente a atenção e é neles que o autor injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta e adesão (...). (CANDIDO, 1995:249).

Então, os livros infantis e os escolares do princípio da literatura infantil, eram os que mais interessavam, dando-lhe aproximação entre eles, para a transformação de uma sociedade rural e urbana, exercendo a escola um papel fundamental de iniciação da infância tanto em seus valores ideológicos, quanto nas habilidades, técnicas e conhecimentos necessários inclusive à produção de bens culturais.

O modelo econômico do Brasil republicano favorece a aparecimento de um contingente urbano virtualmente consumidor de bens culturais, tendo grande importância para a literatura infantil que investe nas campanhas pela instrução, pela alfabetização e pela escola, dando grande prestígio aos esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional.

Dessa forma, intelectuais, jornalista e professores, começam a produzir livros infantis, poesias e poemas direcionados ao corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno. Estes fatos trazem fortes marcos para a leitura da infância brasileira, que preparava-se para ser o amanhã deste país que era visto pelas suas elites como o país do futuro.

A literatura infantil proporciona alegria e divertimento quando é lida sem qualquer compromisso, sem imposição. A criança que lê ou tem acesso à literatura deixa a imaginação fluir livremente, viajando no mundo da fantasia. Quando é dado esse tipo de oportunidade, a criança tem condições de romper os padrões pedagógicos,

permitindo, a sua emancipação enquanto leitor, o seu crescimento individual e social. Segundo Zilberman isso fica evidente:

(...) quando se examina o universo da criança, verifica-se que o contato original dela com o mundo se faz por intermédio da audição e da recepção de imagens visuais. O texto escrito lhe é imposto tão somente após a interferência e a intermediação da escola. A partir de então, ela tem acesso as mesmas modalidades de cultura, podendo fazê-lo de modo autônomo, por liberar-se paulatinamente do adulto, senhor da voz que até então lhe transmitia o conhecimento. (ZILBERMAN, 1998:67).

Muitos autores criticam a forma que a literatura tem sido usada, pois a função pedagógica de dirigir e orientar as crianças deixa-a presa, dominada. Estes observam que deve ser dada à criança a oportunidade para colocar sua própria interpretação com total liberdade, então a criança estará navegando e aprendendo através da arte literária.

De acordo com Palo e Oliveira, o livro renasce a cada instante em que se vê em processo de leitura. Quando o leitor se identifica com uma história, mesmo que seja antiga, os críticos entendem então, que o verdadeiro sentido da literatura é alcançado de forma harmoniosa sem a imposição tradicional da pedagogia.

Com isso, os autores, cada vez mais, estão inovando a literatura, estabelecendo uma relação que acrescenta entre o leitor e o autor. O leitor passa a identificar-se com as personagens da história através da verossimilhança. Fato que possibilita à criança dar asas à imaginação com total liberdade, assim Candido diz que : *As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão de mundo. (CANDIDO, 1995:248).*

Desde as séries iniciais a literatura infantil desempenha papel importante na escola, pois possibilita a continuidade de aprendizagem da língua oral e o gosto pela escrita, ou seja, a criança se sentirá melhor motivada na aquisição e na aceitação da escrita como algo quase que natural, assim afirma Cademartori: *O papel da literatura nos primeiros anos é fundamental para que se processe uma relação ativa entre o falante e a língua. (CADEMARTORI, 1994:74).*

A literatura é muito importante para o desenvolvimento da imaginação, bem como, da linguagem da criança, porque ela ajuda no processo de interação entre fala e língua, o qual é fundamental para a iniciação e a compreensão da escrita. Cademartori diz que: *O falante só se relaciona ativamente com sua língua através de uma interação*

afetiva e intelectual com o sistema lingüístico, em que língua e falante deixam de ser estáticos para redimensionarem-se pela ação recíproca. (CADEMARTORI, 1994:84)

Para a autora, a literatura ficou sufocada pela moral imposta pela igreja, pela família, pelo sistema governamental e pelas questões pedagógicas. Os autores não tinham a liberdade de expressão devido a preocupação de estar camuflado a realidade social. Por este motivo, a literatura era fechada e não oferecia ao leitor a possibilidade de interlocução e questionamento.

Já na nacionalização da literatura infantil, a distância entre a realidade lingüística dos textos e dos leitores é apontada por todos que, no entre – século, discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira.

A presença de um protagonista criança é um dos fatos mais comuns desta literatura, apresentadas através de variadas situações e aventuras, desenvolvendo seu amor à pátria, sentimento de família, noções de obediência, etc.

A paisagem brasileira, a produção e a circulação no Brasil desta literatura infantil fica a serviço de um determinado fim ideológico que é fortemente marcado pela presença e exaltação da natureza e da paisagem na era do romantismo, permanecendo como um dos símbolos mais difundidos da nacionalidade brasileira.

No fim do século XIX, surge uma séria preocupação com a correção de linguagem, presentes na produções literárias em geral e na produção infantil desse período. Conforme salientam Zilbermam e Lajolo:

Reencontra – se, nesta preocupação perfeccionista com a linguagem, a função de modelo que a literatura produzida para crianças assume nesse período. Assim, além de fornecer exemplos, de qualidades, sentimentos, atitudes e valores a serem interiorizados pelas crianças, outro valor a ser assimilado, é que o texto deve manifestar com limpidez, é a correção da linguagem. (ZILBERMAN/LAJOLO, 1999:42)

Esta preocupação confere à literatura apenas um lugar funcional, já que a sociedade capitalista agora implantada e em vigor buscava formar seu mercado de trabalho. Situação que não é diferente em nossos dias. Os limites desta arte não são definidos, o que permite uma abertura ao tornar-se concreta, podendo como diz Zilberman: (...) *separar o que está coeso ou aproximar o que é distinto.* (ZILBERMAN, 1994:70).

A autora destaca também a desigualdade social na tradição literária para crianças, os problemas existências, familiares, como por exemplo, a falta de dinheiro, dos pais, a morte, os tóxicos, etc.

(...) a introdução de uma temática apropriada à narrativa de denúncia social na literatura infantil pode desencadear uma dificuldade em que submergem algumas criações (...). E torna-se necessário que o foco narrativo compartilhe a perspectiva dos pequenos heróis, a fim de que se amenize a influência adulta na percepção das questões sociais . (ZILBERMAN, 1994: 80)

Se a exposição destes problemas que afligem a sociedade brasileira se depara com a carência social mais ampla, pode inibir ou contribuir para o alargamento dela no momento da criação literária. O processo dessa criação torna-se mais complexo quando se trata de uma denúncia social, pois, neste caso é preciso incorporar dados externos ao livro infantil, causando grandes divergências dos meios de comunicação, como a oposição de princípios ideológicos.

No entanto, a literatura infantil nacional tem uma história relativamente breve, com modificações que denotam sensibilidade para os avanços da arte literária. O modo de produção desta arte literária que reúne grande parte da indústria do livro causou uma desvalorização devido as obras de assuntos erótico e policial, e , em seguida o prejuízo com a sua adesão à pedagogia, que proporcionava comportamentos socialmente adequados à visão da criança, no sentido de sua aceitação do sistema em vigor. Esse sistema trouxe para as crianças em programa realista que via a criança não mais como de antigamente, mas sim, com visões ampliadas do mundo da criança . Resultando em obras que continham problemas sociais como drogas, problemas sexuais, de violência ao menor, fatos estes que sempre fizeram parte da literatura infantil.

Os contos de fadas tradicionais são exemplos fictícios de abordagem de problemas sociais e históricos: desajustes familiares, desigualdade social e todo um vasto repertório que aflige a sociedade. Estes fatos dizem respeito diretamente à vida brasileira moderna, urbanizada, que sofre com o crescimento da desigualdade sócio-econômica. Os personagens destas histórias ocupam sempre um lugar inferior na sociedade, estes são pivetes, menores abandonados, que estão afastados do mecanismo do poder, a qual os sacrifica.

(...) Com efeito, elas se colocam a todo aquele que se dispõe a fazer livros para crianças que agudizem a sua visão de mundo, sendo

concomitantemente emancipatórios. No entanto, se faltam à criança um senso do real mais desenvolvido, vivência mais profundas e um conhecimento que lhe permita decodificar apropriadamente sua circunstância, não se pode esperar que uma literatura infantil rigorosamente realista preencha o efeito desejado, pois para tanto teria de contar com que ainda não existe. (ZILBERMAN, 1994: 91)

Na representação familiar, Jurandir Freire Costa In: Ariès (1981) narra o processo histórico brasileiro, incluindo a norma familista a partir da descoberta da criança, dessa forma a infância recebe nova valorização, a criança passa a ser o centro de interesse da família, a mãe torna-se responsável pelo lar e pelos filhos, o pai assume as questões financeiras com o esforço de seu trabalho. Idéia que se completa na consideração de Ariès mencionando que, o sentimento da família, é inseparável do sentimento da infância. *O interesse pela infância, (...) não é se não uma forma, uma expressão particular desse sentimento mais geral, o sentimento da família.* (ARIÈS, 1981:210). A família é uma instituição necessária ao nosso modelo social. Todos os conflitos e resoluções são buscados no seio familiar que funciona como um abrigo seguro que protege e conforta o indivíduo. Ligado a esta instituição temos o estado que se fortalece politicamente através da organização familiar. Mas nem sempre há a instalação de estrutura familiar nas histórias ficcionais: (...) *pois a relação entre a realidade social e a sua tradução ficcional pode ser filtrada de tal modo por variados instrumentos de mediação, que estes acabem por atenuar e diluir, de maneira crescente, esta reprodução do imediato.* (ZILBERMAN, 1994 : 98)

Assim, este universo quando desestruturado, divide-se em duas camadas, a das crianças, que abandonam a família, mas não rompem o laço familiar, a dos adultos, que evidencia os pais que “administram” a vida familiar conforme suas concepções de mundo. Ariès diz:

(...) a criança desde muito cedo escapava à sua própria família, mesmo que voltasse a ela mais tarde, depois de adulta, o que nem sempre acontecia.(...) Isso não significava que os pais não amassem seus filhos: eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhe tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. (ARIÈS, 1981:231).

Todos os fatos aqui relatados caminham para a emancipação infantil. Há necessidade que a criança reconheça-se como ser capaz e não apenas aquela que é conduzida por um adulto. O modelo emancipatório da criança traz uma proposta para melhorar a relação entre esses indivíduos: o adulto e a criança. Estabelecendo as

ligações de dependência a sujeição que se estabelecem entre eles. Essa proposta é de colocar a criança em contato com o mundo exterior, permitindo que ela participe de cada problema existente na sociedade. Assim diz Zilberman:

(...) buscam a emancipação da criança perante os condicionamentos que os adultos impõem a ela, utilizando o período existencial dominado pela circunstância familiar - a infância, fase deficitária do indivíduo, porque ela acumula dependência (econômica, alimentar, cognitivas e outras), sem poder oferecer qualquer contrapartida. (ZILBERMAN, 1994: 106, 107)

Para Abramovich, a criança lê, questiona e participa desses meios “condicionados”, de acordo com o que está passando no momento, pois se está na fase da adolescência, ela lê somente o que lhe interessa, como assuntos sobre seu corpo, sua sexualidade, seus problemas de crescimento, sua relação com a família, etc, muitas vezes até questiona sobre a política, matérias de TV do momento, discute de certa forma, como isso reflete no cotidiano de cada família, de cada ser deste mundo. Então, não podemos esquecer que estamos falando de literatura, de ficção, de histórias, onde são abordados vários problemas, sejam eles políticos, econômicos ou sociais. Todos estes fatos não dependem apenas da curiosidade da criança, mas sim das situações que a criança encontra à frente do desenvolvimento do mundo entre outras.

(...) as relações familiares são encaradas de várias formas por diferentes autores. (...) É a constatação de que os problemas do mundo - por ser ele tão pequeno - são também os problemas e as preocupações das pessoas... um jogo de pensamento, de idéias, de gerações, de honestidade; um jogo de se inteirar do outro a partir de si, sem perder a consciência do mundo, do tempo, da geografia, história, da responsabilidade e do sofrimento com tudo que acontece neste mundo...). (VIANA In: ABRAMOVICH, 1997: 101-103).

Então, é necessário falarmos da estrutura econômica – política - social do Brasil, é preciso saber como se deu o desenvolvimento político e social em nosso país ao longo dos anos pois como sabemos, vem de um passado não muito bem sucedido quando observamos pelo lado social.

Segundo Zilberman e Lajolo historicamente o Brasil viveu sobre o regime militar e durante este período as classes trabalhadoras sofreram grande repressão, uma vez que os governos eram formados por coronéis do exército que buscavam a inibição das organizações populares de modo geral, acelerando assim o processo centralizador

do poder e da riqueza brasileira. Para isso faziam uso dos instrumentos que necessário fosse, inclusive tortura e violência, eles não conheciam limites para seu poder.

Neste sentido, a determinação dos governos militares de tornar o Brasil uma “potência emergente” acelera o crescimento econômico do país que alcança excelentes índices, embora com grande sacrifício da população. É chamado a época do milagre econômico, uma época de taxas baixas de inflação, na qual são feitos investimentos em infra – estrutura como: rodovias, ferrovias, telecomunicações, usinas hidrelétricas e nucleares entre outras. Todos estes fatos marcam uma nova etapa na história política do Brasil. Este fatos determinam até certo ponto, as condições de sua vida cultural, inclusive da literatura e segundo Zilberman e Lajolo:

O processo de modernização da sociedade brasileira, que se deu através do estímulo ao crescimento industrial e a urbanização, beneficiou a cultura brasileira, na medida em que proporcionou condições de produção, circulação e consumados bens de que aquela se constituía. A literatura infantil também foi favorecida, já que a indústria de livros se solidificou e a escola, cujo resultado mais imediato é o acesso à leitura, se expandiu. (ZILBERMAN / LAJOLO, 1999 :119)

Com todos estes fatores podemos notar também que as questões do poder, do domínio político, da autoridade despótica, nos textos de Abramovich são desmascarados, desmontados, pois um governo não pode governar quando se está distante da realidade do povo, das cidades e do mundo. Assim, Mills afirma que:

(...) no complexo mundo moderno de grandes Estados e de mudança constante, é sobretudo essa “imaginação” que nos ajudam a fazer o tipo certo de perguntas para que possamos começar a explicar os problemas sociais que nos desafiam. Se um homem está desempregado, diz ele, este é um problema pessoal para aquele homem, uma dificuldade. Enquanto houver empregos disponíveis, procuramos uma explicação no seu caráter ou no seu treinamento. Mas quando uma grande proporção (quão grande?) da força de trabalho de uma nação está desempregada, devemos procura uma explicação nos grupos a que ela pertence e sua organização, na maneira como a sociedade está organizada. Isso se torna em questão. (MILLS In: COULSON e RIDDELL, 1979:37,38)

Então, podemos dizer que, a ação dos “poderes” pela organização dos grupos aos quais ele pertence e a ação de alguns grupos pela organização da sociedade como um todo, a estrutura social, só depende de cada membro, por isso existe a desigualdade social e conseqüentemente a desestruturação da família. Essa desestruturação familiar acaba gerando milhares de meninos e meninas que abandonam ou são expulsos de seus

lares, pois muitas vezes são agredidos pelo meio em que vivem, não suportando mais, vão para as ruas em busca de liberdade e encontram incompreensão e escárnio. Na realidade, a fome desses heróis humanos das metrópoles não é só de alimento, eles necessitam de compreensão e afeto. E não encontrando solução para sua fome, passam a ser agressivos, prostituem-se, usam drogas e até matam. Passam de heróis, por sobreviverem em condições subumanas, a bandidos como forma de sobrevivência.

É dentro de todo esse contexto que, a obra de Leila Rentroia Iannone, *Eu gosto tanto de você...*, narra a história de um padre que se mobiliza com a situação do menor abandonado e deixa sua catedral para simplesmente passar a noite de natal ao relento, na praça, junto àqueles pequenos abandonados, sofridos, desesperados, que sofrem com o descaso da sociedade, passando por graves dificuldade, como fome, frio, violência, prostituição, entre outros.

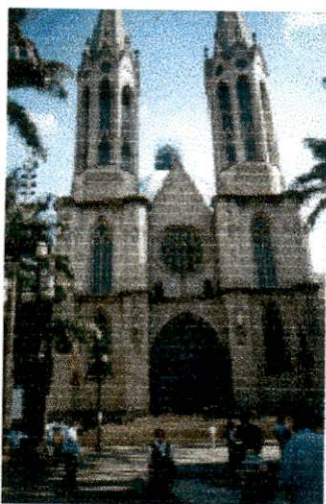
OS EXCLUÍDOS DA PRAÇA DA SÉ

*A lei punirá severamente o abuso,
a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente.*
(CONSTITUIÇÃO, ART.227:§4º)

O recorte que fizemos é antes de tudo um recorte polêmico, pois trata da questão dos menores abandonados, que precisam de maior atenção, mas não se trata de uma discussão localizada, de terceiro mundo apenas, ou produto de choque de etnias, mas sim de uma questão universal que envolve cada habitante deste planeta. O enredo de *Eu gosto tanto de você...*, visando a criança, aborda a visão e as atitudes do Padre Thomas em relação a criança “menor abandonado” e o perfil da criança no Brasil, que constitui os pontos fundamentais desta análise. Desta forma me pautarei a analisar o personagem Padre Tomas e os menores abandonados da Praça da Sé, Mocotó, Madá, Neguita, Neninha, Idalina, Claudete, Luana, Fedelho, Gibi, e Tintim. A obra *Eu gosto tanto de você...*, levará os leitores a refletir sobre o grave problema configurado na conjuntura social em que vivem, evidenciada na obra como um dos fatores que determinou trilhar pelo caminho da sobrevivência, que é o retrato de um Brasil que luta para chegar ao primeiro mundo. Todos estes aspectos são retratados na obra de maneira ficcional, onde a verossimilhança nos permite uma reflexão que enaltece o estatuto literário infantil quando se compromete com a realidade social.

Assim ocorre na obra *Eu gosto tanto de você...*, de Leila Rentroia Iannone, em que o Padre Thomas, apesar de não ser brasileiro, seguia os costumes e a nossa língua. (...) *Sonhava em português, vivia como brasileiro, introjetara maneirismo e macetes; abrandara o sotaque, mas conservava inalterado o ritual da pontualidade.* (IANONNE, 1988:07)

É necessário, porém, entender que na composição da narrativa são usados alguns mecanismos como: o desenvolvimento da ação das personagens, descrição do lugar e das personagens e por fim a memória (ficção):



Fonte: www.yahoo.com.br

Na praça ninguém mexia com ele; antes o ajudava na correria com o rapa. Aquele era um território conhecido, palmilhado, onde cada detalhe já tinha sido visto, e as caras habituais se estendiam além das palavras, em acordos nunca revelados, em olhares e gestos já codificados. Até as tensões eram previamente anunciadas por uma eletricidade especial, palpável, fosse a polícia ou alguém desconhecido que ameaçasse a ordem e lógica das reações entre eles. (IANNONE, 1988:21)

Ao relacionar os personagens adultos: Padre Thomas e Ditão, observamos que ambos tentam o tempo todo ajudar as crianças a solucionar seus problemas, porém há mudanças significativas ou revolucionárias.

Observa-se que este fato está bem próximo da autora ficcionista, pois ela traz nas personagens adultas um pouco de sua vida, pois ela também trabalha com este aspecto.

O sacerdote com toda simplicidade sabia que pouco havia a fazer por aquelas crianças da Praça da Sé, (...) *num gesto silencioso de solidariedade com os meninos de rua e tantas outras pessoas da cidade* (IANNONE, 1988:07), decidiu passar a noite de Natal ao relento junto àqueles menores abandonados, sofridos, desesperados, pois eles necessitavam de muita coisa, e principalmente de afeto e cidadania. Para Dimenstein a cidadania é de grande importância na vida das pessoas, e pode ter vários sentidos, mas que nos dias atuais, significa (...) *o direito de viver decentemente. (...) Cidadania é o direito de ter uma idéia e poder expressá-la.* (DIMENSTEIN, 1993:17,20).

O Padre Thomas tinha plena consciência deste fato e seu trabalho de conscientização era lento, cheio de idas e vindas, esbarrando-se no medo, na violência, na desconfiança daquelas crianças espoliadas de seus bens e de sua própria dignidade, e que muitas vezes não sabiam até mesmo como reconhecer o amor das pessoas.

No entanto, a condição que o menor vive é um problema que deve ser analisado por uma ótica ampla, enfocando a responsabilidade de todos os segmentos governamentais, privados e principalmente da sociedade, colocando como prioridade medidas especiais com a finalidade de dar uma solução ao problema, mas para isso é preciso que se identifiquem essas necessidades e se proporcione a estes menores as oportunidades certas.

Para se ter uma idéia de como será o futuro destes menores, uma página da internet, lança os seguinte números para 2010: a população do Brasil será de 9 bilhões de seres humanos, em que 4,5 bilhões serão crianças e adolescentes, e 40 mil destas

crianças estarão incluídas na taxa de mortalidade infantil, sendo que a cada 2 segundos morrerá uma criança. Morrerão antes dos 18 anos 35% destas crianças, por causa da violência, doenças, drogas,



Fonte: www.google.com.br

ou acidente de trânsito. O número de crianças abandonadas em todo o mundo chega a mais de 100 milhões, sendo 8 milhões brasileiras, 30% são meninas; 400 mil menores morrem de fome e quase 1 milhão de garotas se prostituem.¹

Este fato se constata e equipara-se no depoimento veiculado no Jornal o Estado de São Paulo e registrado em DIMENSTEIN (1993):

Mais de cem milhões de crianças vivem nas ruas em todo o mundo e pelo menos a metade delas consomem drogas. Essa constatação é da Organização Mundial de Saúde (OMS). O órgão divulgou ontem os resultados de um estudo realizado com menores com idades entre 10 e 18 anos, em dez cidades de vários países, entre elas o Rio de Janeiro. O documento alerta para a possibilidade alarmante de as crianças de rua se transformarem num importante fator de disseminação da aids em todo o mundo. A pesquisa foi realizada pelo Programa sobre o Uso de Drogas da OMS, coordenado pelo economista sueco Hams Emblad. Há mais de 20 anos ele trabalha na área da prevenção do uso de drogas. De acordo com o economista, uma das constatações mais importantes do levantamento é que o problema das crianças de rua não se restringe aos países pobres ou em desenvolvimento.

A narrativa aborda fragmentos que ilustram a vida desses menores, seu mundo, a sociedade vigente e demonstra também que é possível vencer os desafios, unindo os elos que tornam as crianças sujeitos conscientes de seus problemas, mas também repletos de desejos. Quanto a isso é pertinente mencionar Zilberman e Lajolo, quando falam da narrativa infantil em tom de protesto, afirmando que a presença de pobres e

¹ PINTO, Elcia de Araújo. Netos do asfalto, Caderno Cidadania. O Jornal Batista. 2000. Advogada, membro da IB (Instituto Batista) de Barão de Itaquara, RJ. In: Site www.google.com.br.

desfavorecidos nas obras literárias fazem com que o povo participe da história e mostre uma brutal realidade urbana sem pintura romântica. Causa impacto no leitor pelo retrato áspero das condições de vida, vícios e maus-tratos.

Na obra em análise são citados vários exemplos mencionados acima, a menor Neguita que se prostituiu naquela praça e quer tirar o filho, mas o padre insiste com Neguita para não abortar, pois ela é apenas uma criança sem futuro e sem perspectivas. Tintim é outro menor, que é pisado, humilhado, serve como tapete para seus companheiros. Gibi e Luana são trombadinhas perigosos, roubam carros, bolsas e tudo que encontram fácil pela frente.

No caso da personagem Neguita, faremos referência ao que Dimenstein aborda em alguns capítulos de seu livro “O Cidadão de Papel”, o problema dos menores. De acordo com o Ministério da Saúde, mais de 1,5 milhão a 2 milhões engravidam por ano e engravidam por falta de condições de comprar anticoncepcionais ou porque não tem informações. (...) *Ter filho na adolescência é perigoso para a mãe, pois seu corpo ainda não está preparado para o parto. E aí, além de um problema de saúde, surge um problema social.* (DIMENSTEIN, 1993:81).

Este problema é a grave situação de uma sociedade como a brasileira, cujas elites não estão empenhadas na resolução das injustas desigualdades de seu ordenamento econômico e sócio-político, gerando uma grande massa de miseráveis e excluídos dos bens e serviços coletivos, de uma sociedade incapaz de assegurar um mínimo de dignidade e de qualidade de vida para os seus cidadãos em geral, e que deixa degradar-se por um longo período o sistema de laços sociais, de crenças e de valores éticos que cimentam uma formação histórica apta à gestão de seus conflitos, em que as camadas espoliadas reivindicam no crime e na violência aquilo que lhes tem sido negado sistematicamente. A ausência de dignidade, de cidadania e de um ideal do eu identificado com modelos sociais e disposição de reconhecer o direito de cada um, produz explosiva mistura de civilização e barbarismo.

Segundo Dimenstein, nessa combinação explosiva podemos dizer que surgiram duas novas palavras: recessão (menos empregos) com inflação (mais preços); estagflação: mistura de estagnação (ficar parado) com inflação.

Muitos países passaram por inflação mas tiveram crescimento econômico. Outros viveram em recessão, mas sem inflação. (...) a estagflação é mais cruel com os mais fracos. Ela jogou as crianças com violência na rua e no mercado de trabalho em crise. Assim, agravou ainda mais o que já era

grave. (...) Desemprego e preços em alta se refletem logo na política.
(DIMENSTEIN, 1993:108 – 110)

Na obra, podemos ter esta visão também, mas o que mais fica evidente é a exclusão das crianças da sociedade. Há um Fedelho que sequer sabe de quem é filho, a Neninha que em sonhos procura a mãe, limpa e bem vestida, pois quem sabe assim ela a quisesse. *Mãe, mamãe, onde você está? Quero Você. Preciso achar você. Tenho fome, tenho frio. Porque, mãe, porque você não vem me buscar?* (IANNONE, 1988:24). O submundo urbano está presente na obra e retrata cruelmente a vida explorada e subtraída do menor

(...) a sociedade triturava e depois expelia como lixo pelas ruas. (...) trinta e seis milhões de crianças são vomitadas como lixo, carentes, abandonadas nas ruas e nas instituições, bóis frias, biscateiros, sem futuro e sem escola, espremidas nas casas de cômodos, odiadas quando agressivas, exploradas em slogans de campanhas eleitorais, mas esquecidas quando se trata de dar as soluções. Uma geração perdida, idiotizada, subnutrida, arrefecendo a crença no futuro, sem voz e sem expressão nas reivindicações, dependendo do grito de poucos adultos e de associações emergentes. (IANNONE, 1988:16, 20).

Esta mesma problemática é retratada no artigo de Castro, “Quanto custa um menor abandonado?” em que ele diz:

É de estarrecer o valor que o Estado paga por seus filhos menores delinquentes, nos internatos pais afora. Cada menor infrator custa, em média, aos cofres públicos, a bagatela de R\$ 4.000 – pouco mais de mil dólares por mês. Em alguns estados da federação, chega a R\$ 7.000 mensais – mais de 1.500 dólares – o custo por adolescente infrator.²

Em artigo publicado na Folha de São Paulo a estatística é a seguinte: 1,3 milhão são analfabetos ou semi, 3 milhões não freqüentam a escola, 2 milhões estudam e trabalham para ajudar na renda familiar, 3,2 milhões somente trabalham. Então, não existe milagre para estas crianças, cujo futuro é uma interrogação. Gastar um salário mínimo por criança para dar-lhe lanche e escola, não adianta, o país se vê “forçado” a deixá-los seguir o caminho da marginalidade, e gastar posteriormente até 35 vezes mais

² São dados da Secretaria Nacional de Direitos Humanos em levantamentos e estudos recentes realizados pelo próprio órgão pagador. Um colégio na Suíça sai mais em conta. (...) mas que é um tremendo absurdo para quem paga 27,5% de sua renda em impostos e ainda tem que dar escola privada para os filhos, (...) o UNICEF divulgou que, dentre os vinte e um milhões de jovens brasileiros, temos oito milhões entre doze e dezessete anos que vivem nas chamadas áreas de risco. Risco de convívio com a droga e o crime, nas favelas e praças do Brasil. CASTRO, Aderson (Administrador de empresas e professor universitário – www.adersonet.cjb.net) Itabuna – Bahia In site www.agora-online.com.br. www.google.com.br. 03/02/2003.

desse valor com marginais e delinquentes que a sociedade enjaula e põe sobre tutela de outras pessoas tão ou mais marginais. Este artigo se encerra com uma grande interrogação e reflexão: *Quanto custa um menor abandonado? A resposta é de nossa consciência coletiva.*

Já na obra *Eu gosto tanto de você...*, a autora questiona que o país tem outros problemas mais urgentes, que envolvem muito dinheiro, e dentre essas quantias, as crianças representam muito pouco, um número insignificante. A autora faz também uma proposta irônica perante o assunto, dizendo que talvez um dia eles formem um número maior, assim, talvez, possam encontrar alguma solução para o problema.

(...) isolar todos eles, infratores ou não, num lugar bem distante. Quem sabe instituir na Amazônia a Floresta dos Carentes? Sem cordões de ouro para roubar, sem saquinho de leite para pôr cola e sem semáforos como um ponto de mendicância. De preferência, todos esterilizados... Está aí. Vai ver que esse é o plano, e ninguém pecebeu. (IANNONE, 1988:20).



Fonte: Dimenstein, 1993:40

Nesta obra o padre Thomas destaca as crianças como sensíveis, frágeis inconscientes, rebaixadas, vivendo cada dia como se fosse o último de suas vidas, pois futuro elas já não tinham, porque haviam perdido tudo, como o exemplo de Fedelho que não sabia a sua idade correta, nem mesmo o seu sobrenome, não lembrava de seu passado, tudo que ele sabia sobre si era apenas o seu nome. Quando a narrativa ficcional refere-se a seus personagens apenas com apelidos, revela-nos uma certa desimportância, seres que transformam-se apenas em números, estatísticas, coisas mensuradas. Esse é um processo de “despersonificação” do ser. Não possui identidade própria, não se reconhece como agente da sociedade na qual está inserido.

O exemplo de Fedelho é apenas mais um dos milhares casos de criança que existem no Brasil e no mundo todo, muitas vezes vivem assim porque são pressionados pela violência da família, pela miséria ou pela junção dos dois problemas. São esses os principais fatores que contribuem ou obrigam os menores a trocarem suas casas pelo mundo das ruas, do medo, da fome, da carência e muitas vezes das drogas e do crime.

Fica evidente que a personagem Madá é uma criança rude, agressiva que assim como as outras crianças, reflete sobre uma perspectiva de vida melhor, no entanto, quando se depara com a realidade, procura não relembrar sua triste história: (...) *Havia apagado da memória tudo que estava fora do tempo da praça. Não gostava de lembrar. Não queria lembrar. Assim não sentia falta de ninguém e não revivia sua história.* (IANNONE, 1988:25).

Segundo Vânia Maria Rezende, esse critério sustentou-se no modo de chamar a infância e de dar participação das personagens infantis no seu texto dando significados humanos e estéticos profundos, incluindo-os no mundo metafórico que cruzam símbolos da imaginação criadora e imagens da realidade infantil dando auge a ficção da sua escritura.

Segundo Massaud Moisés, as crianças citadas representam as personagens centrais dentro do estágio infantil de sua existência. Crianças protagonistas que vivem sem limites dramas e conflitos coletivos. Esses personagens podem ao mesmo tempo serem personagens adversários, pois podem ter as mesmas ações, mas diferem-se na personalidade. Assim sendo, poderão ser classificadas como bidimensionais/planas, significando aspecto coletivo e social ou tridimensionais/redondas, que significam inigualáveis e inconfundíveis.

Trata-se então de uma obra polêmica, que radicaliza e representa a vida das crianças pobres numa cidade grande, fato confirmado por Zilberman e Lajolo, pois segundo elas: (...) *Enfatiza a ausência de nomes próprios das personagens, referidas apenas por apelidos.* (ZILBERMAN/LAJOLO, 2002:139).

O estilo polêmico da obra eu uso de uma linguagem simples e coloquial, conseguem mostrar os momentos tristes e conflituosos que vivem as personagens da praça, que a cada página lida, tal linguagem se torna um espaço de conquista e denúncia dentro da obra. Como o pensamento de Madá a respeito do Padre Thomas em uma luta de amor e ódio pela proteção que ele tentava dispensar a ela: *Era capaz de me explorar, de me foder.* (IANNONE, 1988:17). Lembrando que o pai abusara dela e dos irmãos que a chamavam de cadela.

Sua linguagem é única e marcante, rompe os padrões estéticos, com expressões livres de regras, há inclusive o uso de gírias: — *Ih, padre, não vem que não tem. Amor é quando a gente encontra alguém gente fina, que transa legal e agüenta a barra junto. Mesmo assim, não sei não, dura pouco.* (IANNONE, 1988:14).

Esta obra transcorre no espaço urbano em que toda a narrativa descreve lugares da praça: (...) *Ele próprio sente-se meio perdido na praça. Passeia os olhos pelos velhos prédios cinzentos, vazios, meio mortos àquela hora. Eram feios e sombrios. Alguns telhados refletiam o brilho do molhado da chuva, sob a luz dos luminosos.* (IANNONE, 1988:22).

Por ser uma obra contemporânea, a realidade é representada por necessidades e desejos que estas crianças sentem, mas que talvez não saibam ainda entendê-las. Crianças são o auge das obras da autora, esta é uma obra aberta, em que não há pretensão de ditar normas ou regras e que poderá possibilitar ao leitor uma multiplicidade de leituras.

Em um breve fluxo de memória o personagem padre Thomas relembra a migração no país, das condições subumanas dos cortiços e favelas, do alcoolismo dos pais, da prostituição das crianças e o fator principal: a fome e a miséria de tantos brasileiros. *Miséria que mata uma criança por minuto, fazendo o país estar entre os mais sofridos do mundo. (...) miséria absoluta, porque estavam perdendo, além do presente, o próprio futuro.* (IANNONE, 1998:20,30).

Com a crescente preocupação dos organismos internacionais, o Brasil está na liderança dos países com a mais cruel estatística, aquela que aponta para o imenso número de menores exterminados, os meninos de rua que, sem cerimônia, nos oferecem a verdadeira realidade brasileira, a miséria e a fome, ante-sala nacional da delinquência. O drama dos menores abandonados é provavelmente, a ponta de um iceberg social.³ É lastimável que a questão do menor seja ainda tratada como uma questão de polícia, e não na esfera do bem-estar social. Trata-se aqui de um direito constitucional ditado na forma da lei, o estado apoiará as famílias que cuidarão de suas crianças ou estas serão acolhidas e protegidas conforme a constituição prega.

Segundo Iannone e Drexel estes menores estão cercados pela violência, sejam elas dentro de casa, calada e passivamente, maus-tratos físicos, mentais e muitas vezes sexuais. Estes sofrem ainda, com a violência que está nas ruas, na vida social. O abuso contra as crianças pode ser constatado de várias formas:

³ São cerca de 4.000 meninos de rua, assassinados por ano no Brasil, então, são 4.000 motivos anuais para reflexão, tanto de nossas classes dominantes quanto da sociedade brasileira em geral.
Fonte: www.bahia.org.br/washington/cidadão. (htm).

- Abuso físico: entendido como coação através de maus tratos corporais ou negligência quanto à satisfação de necessidades básicas da criança (alimentação, vestuário, saúde, segurança, etc.);
- Abuso sexual: quando a coação se exerce através do emprego da força física ou psicológica objetivando obter a participação da criança em partes eróticas;
- Abuso psicológico: quando a coação se exerce através do emprego de força psicológica (ameaça, humilhação, privação emocional, etc.);
- Abuso trabalhista; quando a coação se exerce através da exploração da mão-de-obra infantil, submetendo a criança a jornadas excessivas de trabalho sem garantia de emprego, em condições de ilegalidade e risco físico ou moral;
- Abuso policial: quando a coação se exerce através da venda de crianças (muitas vezes camufladas sob o rótulo de adoção) ou da exploração de sua imagem;
- Abuso político: quando a coação se exerce através de sequestro e aprisionamento de crianças, seja como instrumento de pressão contra adversário, seja como forma de humilhar e desmoralizar os vencidos.

Do ponto de vista dos autores acima citados, o que há de comum a todas essas formas de abusos é o fato de significarem a violação dos direitos humanos fundamentais da criança, na medida em que implicam numa relação hierárquica entre um adulto-sujeito e uma criança-objeto, com o objetivo de obter a submissão desta aos interesses e desígnios daquele. Enquanto violações de direitos o abuso de crianças constitui algo que as sociedades contemporâneas tem todo interesse em ocultar porque pertence ao seu lado não respeitável, ou seja, àquele que está desmentindo categoricamente o mito da infância feliz. A grande maioria das denúncias de espancamentos ou outros maus tratos com menores são feitos por pessoas de classe sócio-econômicas mais baixas. As crianças de classe média e alta também sofrem violência, ao contrário do que muitos pensam, pois estes menores ficam praticamente sem defesa. *Gibi joga-o contra a porta, e Fedelho vai escorregando no degrau, meio mole, meio bobo, parecendo gelatina.*

Fedelho vê aquela figura crescendo, aproximando-se para continuar a agredi-lo. (IANNONE,1988:36). São seres brutos que perdem a racionalidade. São vítimas e fazem vítimas por onde passam.

Na maioria das vezes estes fatos deveriam ser denunciados pela sociedade, mas a maioria da classe pobre acredita que as aparências de uma família devem ser mantidas. Alguns dados nos mostram que muitos menores delinquentes são originários de lares em que foram submetidos a maus tratos e experiências de abandono por parte dos pais.

Algumas destas crianças possuem um lar, e são poupadas de maus tratos, são tratadas com super carinho, enquanto que os meninos de rua são vistos como mini-adultos.

A linguagem se molda de acordo com sua visão de mundo. Eles nunca pensam em futuro, não se projetam. Temem a morte, mas não têm consciência de que vão morrer logo. Sabem que na rua seus dias estão contados, até pela própria sociedade que os vê como marginais. Se a sociedade os vê como marginais, eles dizem que são marginais. Eles próprios não acreditam que podem sair da rua, se não houver ajuda externa. No entanto, o direito da criança e do adolescente é garantido pela Constituição Federal.

(...) assegurar à criança e o adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.
(CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 1988:148).

Deveres que apesar de estarem na Constituição não são cumpridos pelos responsáveis, pois eles precisam antes de tudo, de afeto, para proporcionar-lhes estes direitos que são omissos pela sociedade. Na verdade, a vida ficcional dos habitantes de *Eu gosto tanto de você...*, é regida por um fio de afeto. É por isso que no relance de um fatídico momento Madá morre pela vida de Thomas, o único que a respeitava e amava como ser humano que era – amor que ela relutava em aceitar: *ela joga-se violentamente contra o padre, protegendo com o corpo esparramado. O 38 disparou... Uma, duas, três vezes.* (IANNONE, 1988:43).

Mais uma vida é subtraída, é tragada pela violência que nos cerca. E, sem final feliz, a obra termina e leva-nos a refletir sobre uma sociedade caótica que joga no lixo as vidas que não se encaixam aos padrões sociais vigente. E arte literária em tom de denúncia, revivendo de forma estética a grandeza de um tema inesgotável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os fatos relacionados neste singelo estudo, que nem de longe tem a pretensão de esgotar o assunto, haja vista que o tema poderia servir de base para outras monografias, pois há milhares de casos em todo o Brasil.

Portanto, o assunto deve ser debatido e estar sempre presente na sociedade para que nem esta, nem o governo deixem de zelar pelas nossas crianças, deve-se cada vez mais, elaborar e criar projetos voltados para apurar e denunciar estes fatos. Estes fatos devem mobilizar toda a sociedade. O objetivo de todos deve ser o de assegurar às crianças um espaço de cidadania.

Nessa tarefa, é importante que todas as nações estejam conscientes do desafio imposto, estabelecendo uma estreita cooperação com as instituições internacionais e as organizações não-governamentais. Para que se chegue a uma era onde não exista mais o problema do menor abandonado, é necessário compartilhar experiências e fortalecer a vontade política de todas as nações, para que se modele um mundo melhor onde a docilidade infantil não seja a base de uma exploração que comprometa, no ponto de partida, a realização de toda uma vida. O Brasil, neste particular, resgatou a capacidade de escolher o futuro e de sonhar. E o sonho é retirar os menores da rua .

Pois, “A criança é a nossa mais rica matéria – prima. Abandoná-la à sua própria sorte ou desassistí-la em suas necessidades de proteção e amparo é crime de lesa-pátria”. (TANCREDO NEVES).

Nas últimas décadas, a literatura infanto-juvenil conquistou um espaço significativo, principalmente nos romances, pois começaram a ganhar maior espaço. A partir deste fato a criança, em vez de adulto-miniatura, passou a ser vista como realmente ela é, criança, de modo que começaram a surgir textos específicos para crianças. Vários estudos comprovaram que estes textos e romances influenciaram na vida da criança.

A criança de rua, em seu processo de formação, estará sempre exposta e à deriva da sociedade. No entanto, a exemplo do Padre Thomas, sempre haverá pessoas dispostas a amenizar e talvez, futuramente, até sanar os problemas dos menores de rua. O apoio do governo juntamente com a sociedade organizada, lutando pelos direitos dessas crianças, poderá tornar possível seus sonhos em realidade.

Portanto, é este o intuito desse nosso trabalho: despertar nos leitores, assim como despertou em nós, o senso de conscientização e conseqüentemente, a ajuda mútua aos meninos e meninas de rua, que só pedem um pouquinho de amor e cidadania.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny, *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ADAS, Melhem. *A fome : Crise ou escandalo?* São Paulo: Moderna, 1998.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CANDIDO, Antônio. *O direito a literatura In... vários escritos* 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 4. ed. São Paulo: Edusp. Século XIX e XX: 1995.

CONSTITUIÇÃO: *República Federativa do Brasil*. Brasília, DF., 1988.

COULSON, Margaret e RIDDELL, David S. *Introdução Crítica a Sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1979.

DEMO, Pedro. *Sociologia: uma introdução crítica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância , a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Ática, 1993.

DREXEL, John e IANNONE, Leila Rentroia. *Criança e miséria: vida ou morte?* São Paulo: Moderna, 1989.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE: Lei nº 8069, de 13 – 07-1990, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho Alcides. *Alternativas de mudança, Mundo jovem In Sociologia Crítica*. Porto Alegre, 1990.

IANNONE, Leila Rentroia: *Eu gosto tanto de você...* . São Paulo: Moderna, 1988.

MARTINS, José de Souza. *O massacre dos inocentes: A criança sem infância no Brasil*. São Paulo: Editora Hecitec, 1993.

Página da [w:www.google.com.br](http://www.google.com.br)

PALO, Maria José, OLIVEIRA, Maria Rosa de. *Literatura Infantil/Voz de criança* 3. ed. São Paulo. Ática 2001.

RAMALHO, Priscila. *A literatura deve dar prazer*. Revista Nova Escola. Rio de Janeiro: nº 145 p. 21-23, Setembro, 2001.

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva – Coleção debates – 1988.

REVISTA PLENITUDE, Universal. Nº 89. Nº 22, 2002.

STEINER, Maria Helena Figueiredo. *Quando a criança não tem vez: violência e desamor*. São Paulo: Pioneira, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. Coleção Educação e Pedagogia. 9. ed. São Paulo: Global, 1994.

ZILBERMAN, Regina e LAJOLO, Marisa, *Literatura Infantil Brasileira. História e Histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

ESTATUTO DOS MENINOS DE RUA

ARTIGO I

O menino de rua tem direito à infância, não a céu aberto, mas sim, abrigado no coração dos que amam.

ARTIGO II

O menino de rua tem direito à infância em dobro e portanto, enquanto ainda nas ruas, envelhecendo rapidamente, continuará sempre um menino.

ARTIGO III

O olhar do menino de rua será o olhar do Brasil e a sua tristeza cairá como um manto sobre o Brasil.

ARTIGO IV

A ninguém é permitido aumentar a dor do menino de rua, pois para ele, a suprema dor é viver nas ruas.

ARTIGO V

A lei da solidariedade humana é chamada a prestar contas. A nenhum menino de rua poderá ser negada a solidariedade, chova torrencialmente ou o sol deixe de se por.

ARTIGO VI

Incumbe a cada pai e a cada mão olhar o rosto de um menino de rua com aquele amor especial com que contempla seus filhos ao anoitecer.

ARTIGO VII

Um menino de rua que é espancado é um pouco de nós que é espancado. A palavra espancamento deixa de existir no relacionamento da sociedade com os meninos de rua.

ARTIGO VIII

Nas noite de chuva, o rosto de um menino de rua deverá surgir em nossa TV, logo após o Boa Noite do Jornal Nacional, também em cadeia nacional.

ARTIGO IX

A profissão “Menino de Rua” será regulamentada em lei específica, deixando de existir as atividades ora existentes:

- Pedinte nas avenidas, ruas e praças do Brasil
- Vigia em estacionamento improvisados e inseguros
- Usuário de drogas e assemelhados
- Menor delinqüente nos logradouros públicos do País

ARTIGO X

Expressões como “finjo que não vejo” e “desculpe, mas não tenho como lhe ajudar” estão severamente proibidas e não poderão servir como argumento para a omissão de socorro ao Menino de Rua.

ARTIGO XI

Todos os automóveis deverão facilitar a passagem de um Menino de Rua. Seu atropelamento é terminantemente proibido. Não se deve atropelar a dor móvel e que chamamos de Menino de Rua.

ARTIGO XII

A nenhuma autoridade constituída será permitido afirmar que governa para o povo e em seu nome exerce o poder, enquanto nas encruzilhadas da vida, os filhos do povo estejam marginalizados.

Parágrafo único – No lugar em que um Menino de Rua estiver dormindo, seja embaixo de uma árvore ou sobre um banco de praça, deverá ser afixada uma placa com as palavras: EM OBRAS.

ARTIGO XIII

A ninguém será permitido maldizer a vida, reclamar do destino, se sentir infeliz enquanto houver um menino vivendo nas ruas. A eles, tão somente, serão permitidos tais desabafos.

ARTIGO XIV

As Meninas de Ruas, precocemente gestantes, não poderão solicitar pontapés de transeuntes como forma de aborto. A elas a sociedade deverá amparar, abrigar, cuidar.

ARTIGO XV

O homem resgatará sua condição humana, no momento em que ao contemplar o rosto de Menino de Rua, lhe pedir perdão pelo muito que deixou de lhe socorrer. Até então, será apenas um esboço de homem.

(Página w:www.bahia.org.br)